Desempenho premiado

Ernesto Borges
de São Paulo



Fotos: Piti Reali



Na mesa da esquerda para a direita: Luiz Guilherme Schymura de Oliveira, diretor do IBRE/FGV; Carlos Ivan Simonsen Leal, presidente da FGV; Maria Helena Guimarães de Castro, Secretária de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo e Fernando de Souza Meirelles, diretor da FGV-EAESP.

O setor financeiro espera para 2006 um desempenho ainda melhor do que o obtido ano passado, quando a rentabilidade média sobre o patrimônio líquido dos bancos ficou em 22%, melhor resultado dos últimos anos. Apesar da volatilidade da economia internacional, devido às incertezas em relação à trajetória dos juros norte-americanos, os executivos acreditam que o Brasil terá uma performance superior à do ano passado, quando a economia cresceu 2,3%.

Na cerimônia de entrega do prêmio Os Melhores Conglomerados Financeiros do Brasil, concedido pela revista *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getulio Vargas, aos que mais se destacaram em 2005, no dia 12 de junho, em São Paulo, a expectativa dos executivos em relação à economia e à performance do setor financeiro era positiva.

"Espero que, passado o ajuste de preços no mercado internacional, haja um melhor entendimento da política de juros dos Estados Unidos e a volatilidade se reduza. O Brasil tem a vantagem de ter os fundamentos econômicos muito definidos, uma balança comercial forte e um balanço de pagamentos superavitário. Apesar dos gastos elevados do governo, ainda temos disciplina fiscal, a inflação continua caindo e os juros estão em queda. Todos esses fatores devem aumentar o ritmo de crescimento da economia. Torço para que tenhamos um segundo semestre melhor do que no ano passado, quando, devido aos aumentos da taxa de juros, tivemos um comportamento assimétrico em relação ao exterior, onde as economias cresciam e aqui diminuía", diz Emilson Alonso, CEO do HSBC do Brasil, o que mais cresceu por ativo total.

Os executivos financeiros estão otimistas e acreditam num crescimento da economia este ano, superior ao de 2005

Para Paulo Henrique Pentagna Guimarães, presidente do Banco Bonsucesso, a economia brasileira já fez o que tinha que fazer este ano. Depois da redução da taxa básica de juros de 19,75% para 15,25%, ele acredita que ainda exista espaço para que a Selic caia para algo entre 13,5% e 14%. "A Copa do Mundo altera a economia de uma forma geral no mês de junho. Depois teremos as eleições, então não tem muito espaço para se fazer reformas. Em relação ao mercado internacional, acho que estão acontecendo alguns impactos no que diz respeito a custos de energia e transporte, o que pode ter recrudescido um pouco a inflação deles. A taxa de juros lá deverá ficar em 5,5% ao ano, que é extremamente atrativa em se tratando dos Estados Unidos. Com isso, o foco dos investidores sai um pouco das economias emergentes, como o Brasil. Mas o nosso país está numa boa trajetória. Temos que pensar no médio prazo, em 2010, 2009. Quando tivermos o *investment grade*, daremos uma grande arrancada", afirma o presidente do Bonsucesso, destaque entre os pequenos e médios por rentabilidade operacional e sobre o patrimônio líquido.

O diretor do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas, Luiz Guilherme Schymura, está otimista quanto ao desempenho da economia brasileira em 2006. "A expectativa é de que o crescimento econômico alcance os 4% este ano, patamar bastante superior ao registrado em 2005, quando o PIB cresceu apenas 2,3%." Schymura ressalta, entretanto, que ainda há dúvidas quanto à sustentabilidade do crescimento econômico, ameaçado por uma série de obstáculos como a alta carga tributária. "Os altos impostos desestimulam novos investimentos, o que acaba por retardar o crescimento da economia", conclui.

Um pouco mais conservador é o diretor-executivo financeiro e internacional do BMG, Ricardo Gelbaum. Para ele, a economia brasileira crescerá cerca de 3,8%, em 2006, devido às medidas tomadas pelo Banco Central no primeiro semestre, como a redução dos juros. Suas preocupações estão voltadas para 2007, quando o cenário internacional não estará tão favorável quanto este ano. "Não vejo nenhuma tragédia, mas estou um pouco mais

Os vencedores

Morgan Stanley	Melhor no segmento de Atacado e negócios
BMG	Melhor no segmento Financiamento ao consumo
Daycoval	Melhor no segmento de Middle market
BEC	Melhor no segmento Público
Bradesco	Melhor no segmento Varejo
Banco do Brasil	Maior por operações de crédito e depósitos totais em 2005
Itaú	Melhor por resultado operacional em 2005. O que teve a maior rentabilidade média nos últimos três anos
Nossa Caixa	Melhor rentabilidade operacional e sobre o patrimônio em 2005 entre os grandes conglomerados
Votorantim	Com menor custo operacional. O que mais cresceu em depósitos totais e em operações de crédito em 2005. O que mais cresceu em receitas e o que teve o menor custo operacional nos três últimos anos entre os grandes
Bonsucesso	O com a melhor rentabilidade operacional e sobre o patrimônio em 2005 e com a maior rentabilidade média nos últimos três anos entre os pequenos e médios
Clássico	O com menor custo operacional em 2005 e nos três últimos anos entre os pequenos e médios conglomerados financeiros
HSBC	O que mais cresceu em ativo total em 2005. E o que mais cresceu em patrimônio líquido nos últimos três anos entre os grandes
VR	O que mais cresceu em ativo total em 2005. E o que mais cresceu em receitas nos três últimos anos entre os pequenos e médios
Rodobens	O que mais cresceu em operações de crédito em 2005 entre os pequenos e médios
Westlb	O que mais cresceu em depósitos totais entre os pequenos e médios em 2005

cauteloso do que algumas pessoas. Acho que no ano que vem muitos governos adotarão uma política restritiva para evitar a alta da inflação. No Brasil, temo um pouco pela contenção dos gastos públicos e pela composição do governo no Congresso. Será que ele terá forças para aprovar as reformas necessárias para que tenhamos o *investment grade*?", pergunta Gelbaum.

Para o executivo, o setor financeiro voltará a ter este ano um desempenho muito bom, embora a inadimplência tenha crescido um pouco em todos os segmentos, o que terá conseqüências no ano que vem. "Sem dúvida 2007 será um ano de acomodação, com resultados inferiores", diz Gelbaum, que espera um bom desempenho do BMG nesses dois anos. "Vamos ter um excelente 2006 e um 2007 muito bom, quando deveremos retornar às nossas taxas históricas de rentabilidade sobre o patrimônio líquido, de 20% a 30%", prevê. No ano passado, o retorno sobre o PL do BMG foi de 47,3% e a rentabilidade operacional de 70,7%.

Paulo Henrique Pentagna prevê mudanças significativas no crédito este ano, com o consignado reduzindo o ritmo de crescimento. "Mas ainda cresce algo entre R$ 6 bilhões a R$ 8 bilhões", estima. Para o Bonsucesso, ele acredita em outro ano excepcional, como foi 2005. "No ano passado mudamos de patamar ao alcançar um patrimônio de R$ 100 milhões. Quando surgimos há 14 anos, tínhamos muitas incertezas, muito receio de enfrentar o mercado financeiro com uma inflação anual de 40%. Hoje, as nossas preocupações são outras: como fazer grandes parcerias, como atrair e reter talentos, enfim, como manter o nosso foco em resultados."

Emilson Alonso espera que o setor financeiro e o HSBC tenham este ano uma performance superior à do ano passado. O banco, segundo ele, manterá o foco no crédito à pessoa física e nas pequenas e médias empresas. "Com o crescimento econômico maior, tenho a certeza de que haverá espaço para uma expansão do crédito."


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11

1 – Banco Itaú, Ricardo Terenzi Neuenschwander (diretor de Relações Institucionais);
2 – Banco do Brasil S.A., José Maria Rabelo (vice-presidente de Negócios Internacionais e Atacado);
3 – Banco Nossa Caixa S.A., Carlos Eduardo da Silva Monteiro (presidente);
4 – Banco Votorantim S.A., Milton Roberto Pereira (vice-presidente)
5 – Banco Bonsucesso, Paulo Henrique Pentagna Guimarães (presidente);
6 – HSBC Bank Brasil S.A., Emílson Alonso (Ceo);
7 – Banco Rodobens S.A., Milton Hage (diretor superintendente)
8 – Banco Morgan Stanley Dean Witter S.A., Rodrigo Lowndes (presidente);
9 – Banco BMG S.A., Ricardo Gelbaum (diretor executivo financeiro);
10 – Banco Daycoval S.A., Morris Dayan (diretor);
11 – Banco Bradesco S.A. e Banco do Estado do Ceará S.A., Arnaldo Vieira (vice- presidente).